



Residência **RP** Pediátrica

Publicação Oficial da Sociedade Brasileira de Pediatria

Data de Submissão: 28/01/2025
Data de Aprovação: 17/03/2025

CARTAS AO EDITOR

Resposta ao artigo: “Telemedicina em um Ambulatório de Síndrome de Down no Brasil durante a Pandemia do COVID-19”

Response to the article: "Telemedicine at a brazilian Down syndrome outpatient clinic during the covid-19 pandemic"

Veronica A. O. Kawakatsu¹, Camila M. V. Lanzarin², Maria Luiza de Andrade Correia³, Fernanda S Nascimento², Thais C. R. Heim², João C. Xikota², Aldo von-Wangenheim⁴

Palavras-chave:

Telemedicina,
Telepediatria,
Satisfação do Paciente,
COVID-19.

Resumo

O exercício da medicina por métodos síncronos (como teleorientação, telemonitoramento e teleinterconsulta) foi regulamentado pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) de forma excepcional, enquanto durar o período da pandemia, com o objetivo de garantir o cuidado à saúde entre paciente e médico. No entanto, a satisfação dos pais em relação a essa solução para o distanciamento social e a restrição de consultas eletivas permanece, em grande parte, desconhecida, especialmente no contexto ambulatorial. Dessa forma, esta carta ao editor tem como objetivo endossar o que foi previamente publicado e compartilhar a experiência no acompanhamento de subespecialidades pediátricas no ambulatório do Hospital Universitário durante a pandemia de COVID-19.

Keywords:

Telemedicine,
Telepediatrics,
Patient Satisfaction,
COVID-19.

Abstract

The practice of medicine through synchronous methods (such as teleguidance, telemonitoring, and teleconsultation) was exceptionally regulated by the Federal Council of Medicine (FCM) for the duration of the pandemic, with the aim of ensuring continuity of care between patients and physicians. However, parental satisfaction with this approach to social distancing and the restriction of elective consultations remains largely unknown, particularly in the outpatient setting. Therefore, this letter to the editor aims to support previously published findings and share our experience in monitoring pediatric subspecialties in the outpatient clinic of the University Hospital during the COVID-19 pandemic.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil.

² Universidade Federal de Santa Catarina, Pediatria - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil.

³ Universidade Federal de Santa Catarina, Pediatria, Residência Pediátrica - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil.

⁴ Universidade Federal de Santa Catarina, Informática e Estatística - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil.

Endereço para correspondência:

Maria Luiza de Andrade Correia.

Universidade Federal de Santa Catarina. Rua Profa. Maria Flora Pausewang,

Trindade, Florianópolis, SC, Brasil. CEP: 88036-800. E-mail: maluandraxx@gmail.com



Gostaríamos de parabenizar os autores pelo artigo “Telemedicina em um Ambulatório de Síndrome de Down no Brasil durante a Pandemia de Covid-19”, publicado na presente revista¹. Além disso, gostaríamos de compartilhar a experiência com a telemedicina vivenciada no Ambulatório de Pediatria do Hospital Universitário da UFSC, em Florianópolis.

O uso da telemedicina no atendimento pediátrico ainda não era realizado em nosso estado, embora a telemedicina síncrona tenha sido descrita como uma excelente alternativa para superar as barreiras de deslocamento e tempo, especialmente quando longas distâncias ou dificuldades de transporte separam os pacientes dos serviços de subespecialidades pediátricas²⁻⁵. Durante a pandemia de COVID-19, as necessidades de cuidados de saúde pediátricos ambulatoriais especializados rapidamente se adaptaram a um modelo predominantemente baseado na telessaúde. Revisões sistemáticas da literatura sobre telepediatria também começaram a surgir².

Nossa experiência teve uma metodologia semelhante à do artigo descrito, porém com uma população distinta. Realizou-se um estudo transversal prospectivo, baseado em dados de prontuários dos pacientes e em dados primários (por meio da aplicação de um formulário eletrônico) de consultas realizadas por telemedicina nos ambulatórios de subespecialidades pediátricas (pneumologia, gastroenterologia e endocrinologia), no período de abril a novembro de 2020. Entretanto, diferentemente do artigo em questão, o objetivo foi avaliar a qualidade e a satisfação com o atendimento realizado por telemedicina, sem coleta de dados socioeconômicos.

Nos resultados descritos, verificamos que, apesar do grande número de questionários enviados (600), apenas 10,8% foram respondidos, representando uma grande perda de dados¹. Em nosso estudo, observamos um fenômeno semelhante: de 134 pacientes atendidos, 116 formulários foram enviados via WhatsApp®, com uma taxa de resposta de 27,6% (32 pacientes de 116). No entanto, apenas 26 pacientes concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Dentre as barreiras para a resposta, destacaram-se o receio dos cuidadores de que a mensagem fosse falsa e contivesse um vírus eletrônico. Alguns pais contataram o médico assistente para verificar a veracidade da mensagem, o que nos levou a encaminhar uma carta assinada eletronicamente pelos médicos a todos os participantes, confirmando a autenticidade do questionário do estudo. Em outro estudo nacional, apenas 19,6% (50 pacientes) responderam ao questionário de satisfação, sugerindo que questões culturais, como a pouca valorização da pesquisa, possam influenciar esse resultado⁵.

A satisfação dos pacientes em nosso estudo foi de 96,2%, número semelhante ao descrito no artigo (96,9%)¹. Outro ponto relevante foi que 84,6% dos participantes consideraram a telemedicina útil quando utilizada em conjunto com consultas presenciais, e 5,4% relataram que a modalidade economizou tempo de deslocamento até o hospital.

Na literatura, Sharawat et al. (2021)⁶ relataram que 96% dos participantes estavam satisfeitos com a qualidade geral da teleconsulta, 94% entenderam corretamente as instruções médicas, 98% consideraram que a teleconsulta economizou tempo, dinheiro e esforço, 86% gostariam de continuar utilizando a teleconsulta como substituição à consulta presencial após o fim do isolamento social, enquanto 10% não gostaram. Além disso, 84% dos entrevistados consideraram a teleconsulta equivalente às consultas presenciais anteriores, enquanto 16% discordaram dessa afirmação.

Outros grupos de pesquisa no Brasil também têm relatado achados semelhantes em estudos sobre telepediatria^{3,5}. Um desses estudos avaliou a satisfação dos pais em atendimentos de emergência, relatando 86% de satisfação⁵. Um tema interessante para futuras pesquisas seria a comparação dos resultados obtidos nesses diferentes estudos.

Nossos achados também demonstraram que 71,9% dos pais concordaram totalmente que receberam a devida atenção durante a teleconsulta. Quanto ao acesso à consulta, 61,5% descreveram-no como fácil, 23,1% relataram dificuldades, 11,5% não conseguiram acessar o sistema e tiveram sua ligação atendida via WhatsApp® ou telefone, e 3,8% conseguiram acessar, mas consideraram o sistema de difícil utilização. Em um estudo nacional, 18% dos participantes relataram problemas com a conexão e 12% encontraram dificuldades no uso do aplicativo².

Em nossa experiência, a maioria dos cuidadores relatou que o uso da telemedicina permitiu a comunicação do estado clínico da criança ao médico, possibilitou a compreensão das queixas e da condição da criança pelo profissional e facilitou o entendimento das diretrizes médicas pelos responsáveis.

Esta carta tem como objetivo, além de endossar o conteúdo publicado, trazer mais dados sobre a telemedicina, destacando-a como uma alternativa eficiente que otimiza o tempo durante o acompanhamento ambulatorial e garante a continuidade do tratamento, com alto grau de satisfação dos usuários.

REFERÊNCIAS

1. Bermudez BEBV, Oliveira ACV, Novadzki IM, Oliveira CM. Telemedicina em um Ambulatório de Síndrome de Down no Brasil durante a Pandemia do Covid-19. *Resid Pediatr.* 2024;14(1):1-5. DOI: <https://doi.org/10.25060/residpediatr-2024.v14n1-1114>.
2. Shah AC, Badawy SM. Telemedicine in Pediatrics: Systematic Review of Randomized Controlled Trials. *JMIR Pediatr Parent.* 2021;24;4(1):e22696. DOI: <https://doi.org/10.2196/22696>.
3. Santana YE, Liberatore Jr RDR. Teleconsultation for pediatric patients with type 1 diabetes mellitus during the COVID-19 pandemic: experience of a university hospital in Brazil. *J Pediatr (Rio J).* 2022;98(6):587-9. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jped.2022.02.001>.
4. Fitzgerald MJ, Thompson LA, Paradise-Black NM. What to Expect at a Pediatric Telemedicine Visit. *JAMA Pediatr.* 2021;175(11):1192. DOI: <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2021.2284>.

5. Severini RDSG, Oliveira PC, Couto TB, Simon Junior H, Andrade APM, Nanbu DY, et al. Fast, cheap and feasible: Implementation of pediatric telemedicine in a public hospital during the Covid-19 pandemic. *J Pediatr (Rio J)*. 2022;98(2):183-9. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jped.2021.05.007>.
6. Sharawat IK, Panda PK. Caregiver Satisfaction and Effectiveness of Teleconsultation in Children and Adolescents With Migraine During the Ongoing COVID-19 Pandemic. *J Child Neurol*. 2021;36(4):296-303. DOI: <https://doi.org/10.1177/0883073820968653>.